

## RESENHA

BULCÃO, M.; CARVALHO, M.; MARCONDES, C.; CAMPELLO, A. **A Poética de Gaston Bachelard – Mergulho na Imaginação: devaneio, dinamismo, instante, metamorfose.** Rio de Janeiro: Multifoco, 2021.

Pedro Oliveri Fonseca<sup>1</sup>

Luciano Gutierrez Pessoa<sup>2</sup>

Carlos Ronald Oliveira de Pinho<sup>3</sup>

Cristina Maranzana da Silva<sup>4</sup>

Elisabeth Leadebal de Araújo Alcoforado<sup>5</sup>

Nilton Guimarães da Silva<sup>6</sup>

Thiago Félix de Morais<sup>7</sup>

### Uma Vida em Obra

Abrindo o volume da obra sobre a vertente imaginativa em Bachelard, o primeiro capítulo escrito por Marcelo de Carvalho propõe um olhar sobre a trajetória do filósofo francês, não restrita ao viés biográfico, mas seguindo a trilha de suas obras, o que indicaria uma entre as possíveis leituras do título "Uma vida em obra".

### 'Formação transdisciplinar e encontros com poetas: dinamismo e metamorfose'

Em diálogo com diversos autores, Carvalho destaca aspectos da formação de Bachelard, como sua origem camponesa e o contato íntimo com a natureza; a multiplicidade de sua formação; e o caráter binário de sua obra e de seu pensamento. Segundo o autor, Bachelard teria aberto novos caminhos para o filosofar, para um novo

---

<sup>1</sup> Mestrando em Filosofia pela UEL, graduado em filosofia pela UEL.

<sup>2</sup> Doutorando em Arquitetura pela USP, Mestre em Comunicação pela Unip, Especialista em Design e Humanidade pela USP e Graduado em Arquitetura e Urbanismo pela USP.

<sup>3</sup> Graduado em Humanidades pela UNILAB.

<sup>4</sup> Especialista em Arteterapia pela Universidade Feevale, Especialista em Pedagogias do Corpo e da Saúde. Graduada em Psicologia pela PUC-RS.

<sup>5</sup> Mestranda em Filosofia pela UECE, graduada em Filosofia pela UECE.

<sup>6</sup> Mestre em Filosofia pelo PROF-FILO UFPE, graduado em Filosofia pela UFPE.

<sup>7</sup> Mestrando em Filosofia pela UECE, graduado em Filosofia pela UFC.

espírito científico, expresso filosoficamente por uma "filosofia do não" em que a noção de ruptura passa a funcionar como motor de auto retificação da razão. Carvalho assinala a interlocução de Bachelard com Gaston Roupnel, que teria lhe apresentado o sentido metafísico do instante, da descontinuidade, a possibilidade de ruptura com o passado e com um sentido tradicional de identidade. Com Roger Caillois, que teria indicado a Bachelard a leitura de Isidore Ducasse, sobre o qual Bachelard escreve o volume *Lautréamont* (1940), que se tornaria um alicerce de sua poética cósmica. E com Jean Lescure, para quem Bachelard escreve o artigo *Instante poético e instante metafísico*, a respeito de uma "concepção da poesia como metafísica instantânea".

## **"Psicanalistas não sonham: por uma nova crítica"**

Carvalho pontua certa limitação na recepção das duas vertentes da obra de Bachelard, assim como de suas possíveis conexões. Pensador das diversidades, opondo-se à racionalização do imaginário, Bachelard teria inaugurado uma nova crítica literária, assumindo certa posição crítica em relação à psicanálise, à psicologia, e à filosofia de seu tempo. Tal revolução estética estaria pautada sobretudo pela transferência "do foco do evento estético da obra para a interioridade de seu fruidor" (p.67). A forma de leitura criativa e sonhadora de Bachelard, tendo o devaneio como fundamento, buscaria o "núcleo onírico da criação literária" (p. 68), permitindo maior profundidade que a crítica racional. A mesma crítica, pela qual o filósofo abdicaria à racionalidade como parâmetro único (p.76) se estenderia à psicologia e à psicanálise, que, preocupadas em descrever e interpretar sentimentos, perderiam seu valor fenomenológico de origem (p.77). Criticando o biografismo redutivo e defendendo "a imagem como acontecimento psíquico" (p.78), Bachelard anunciaria "a superação da psicanálise como método de pesquisa do imaginário e [...] como fonte de esclarecimento da obra de arte" (p.78).

## **"Devaneio do imaginário cósmico"**

Carvalho inicia então a leitura das obras de Bachelard voltadas ao imaginário dos quatro elementos da matéria, em que "os espetáculos do universo ilustram os mistérios da natureza humana" (Bachelard, p.86), e seriam ativados pela 'segunda leitura' bachelardiana, pela qual o leitor lê sonhando. Reservando a abordagem do elemento fogo

em Bachelard a um capítulo subsequente, Carvalho começa por abordar o território da imaginação aquática em Bachelard, a partir do volume *A água e os sonhos* (1942), em que este abandona a perspectiva da análise racional, a caminho de "uma nova humanidade, através das metáforas dos elementos naturais" (p.94). Já em torno do elemento aéreo, em *O ar e os sonhos* (1943), Bachelard desenvolveria sua psicologia ascensional, elaborando os signos da elevação e da verticalidade psíquica que, no movimento aéreo de subida, nos conduziria "às alturas e ápices, pela imagem do sonho de vôo", em direção "à luz da razão, ao sol que brilha no alto" (p.98). Carvalho se debruça então sobre as imagens poéticas da terra, de *A terra e os devaneios da vontade* e *A terra e os devaneios do repouso* (ambos de 1948), volumes em que se abre nova oposição, entre os devaneios poéticos da vontade, da força, e os do repouso e da intimidade.

Concluindo seu olhar panorâmico sobre a imaginação cósmica e material de Bachelard, Carvalho ressalta o duplo caráter dessa filosofia, entre o dia e a noite, o interior e o exterior, entre conceito e imagem, destacando ainda a aproximação de Bachelard a uma fenomenologia da imaginação, "método hermenêutico definitivo da poética bachelardiana" (p.110), o que se daria sobretudo a partir da *Poética do Espaço* (1957) e da *Poética do Devaneio* (1960).

## **Breve apresentação do contexto cultural contemporâneo a Bachelard**

O Capítulo escrito por André Campello vai tratar do contexto cultural contemporâneo à Bachelard. A primeira pergunta ao pensar na imagem são quais as principais tendência e questões relacionadas à imagem contemporâneas ao pensamento de Bachelard? Influências de filósofos, poetas, pintores, cientistas e até mesmo de alquimistas. Bachelard é um espírito inquieto, vai ter influências múltiplas. Campello traz alguns dos nomes como Bergson, Schopenhauer, Nietzsche, Freud, Jung, Roupnel, Biswanger, Schiller, entre vários outros. Quando pensamos em poetas e escritores como Novalis, Lescure, Eluard, Balzac, Tristan Tzara, Kierkegaard, Isidore Ducasse, André Breton, Victor Hugo, Henri Bosco, dentre vários outros também.

Alguns termos utilizados por Bachelard foram ressignificados recebendo novo conteúdo colocando um novo contexto de novo conteúdo para conceitos como psicanálise, fenomenologia e complexo. Entre as correntes de pensamento contemporâneas à Bachelard que Campello trabalha é o vitalismo, que tinha a imaginação como função de adaptação às necessidades da vida. Há também um distanciamento das ideias de Bergson sobre a imaginação por serem colocadas à serviço do homo faber, que são visões utilitaristas da imaginação, pois a imaginação deve na verdade ser a base das condições da utilidade. A imaginação é na verdade uma condição para a percepção, e não como estava disseminado naquela época de que a percepção era condição para a imaginação. Na verdade, Bachelard inverte essa ordem propondo que a imaginação seja a própria força da condição de sentido, de forma que nós sejamos criados pelo nosso devaneio. Como estudar então a imaginação? Não é por meio de uma leitura epistemológica, mas sim por meio dos poetas de modo a buscar a compreensão principalmente pela orientação romântica e da naturphilosophie. Ele citará os fragmentos de poemas para colocar por meio das imagens a autonomia da imaginação enquanto liberdade da imaginação.

### **O lugar da poesia nesse panorama:**

Traz a crítica da percepção objetiva e nega a percepção imediata do conhecimento, afirmando a autonomia da linguagem poética, e das imagens que não funcionam mais apenas como adorno da linguagem.

Há pelos românticos uma valorização do primitivo, aquilo que se encontra abaixo da crosta da razão alienante. Desse modo o instinto ganha importância e ajuda a ultrapassar essa camada em busca a uma retomada da autenticidade.

### **Os filósofos da natureza:**

Vão buscar inspiração na alquimia, e assumem a compreensão do universo como uma identidade que religa os seres particulares que são emanações dessa totalidade.

Nesse universo, aponta Campello: “... A simpatia religa tudo, [e] sobre os seres vivos age-se não por meios mecânicos, mas por meio de alguma forma de comunicação [...], por encantamentos e sedução” (p.150)

Onde nada é isolado, e todas as ações provocam ressonâncias na totalidade da simpatia universal. Não há, entretanto, uma fusão, mas ressonâncias, simpatias.

### **Imagem: ressonância e repercussão**

Também para ele uma imagem não é eco do passado, pelo contrário, é o passado que ressoa/repercute em ecos através da imagem (nega a causalidade e afirma a ressonância e repercussão no sentido que o presente é que determina o passado).

A imagem nova, reconfigura as lembranças, que reconstruídas são agora novas imagens. Assim, Campello coloca de maneira muito interessante que um dos movimentos importantes para compreender melhor o pensamento de Bachelard é o surrealismo e as ideias dos seus poetas. O surrealismo é a imaginação em ato, capaz de trazer imagens novas.

Um movimento cultural e poético cujas intenções eram de mudanças sociais e na forma de pensar, por meio de atos poéticos e obras literárias. Intencionava levar a experiência poética para campos até então inalcançados.

O surrealismo é a desqualificação da realidade banal, e um convite para o encantamento, o maravilhamento, o deslocamento de palavras e ideias, e o seu realocamento e novos contextos, criando estranhamentos, e uma grande capacidade de criação de imagens poéticas, estas últimas, muito valorizadas por Bachelard, que cita trechos de vários poetas surrealistas.

### **Tempo, Instante e Ritmo-análise**

A respeito de seu capítulo *Tempo, Instante e Ritmo-análise* que consta no livro: *A Poética de Gaston Bachelard: mergulho na imaginação*. Estas colocações serão postas aqui na forma de termos com o intuito de tornar mais fácil a leitura tanto de estudiosos

de Bachelard como daqueles que porventura não tenham familiaridade com os temas propostos por Marly.

Trata-se de uma forma de ver a vida do ponto de vista criativo a partir da desconstrução da noção de tempo horizontal e contínuo. Esta vida é de sabores e dissabores, de formas estéticas onde possamos encontrar este tempo que se decompõe em instantes e que serão objetos de uma análise rítmica.

Não nos ateremos a todos os pontos elencados por Marly Bulcão, no entanto destacaremos inequivocamente o termo *instantes ampliados* (p. 168). Isto pelo seguinte motivo: se há uma constante na questão do tempo na filosofia de Bachelard, mas por outro lado há uma forma dispersa e fragmentada nesta questão, então como pensar uma Poética do Tempo? O verdadeiro tempo, desta maneira, seria uma redução, uma diminuta? Por motivo desta resenha não ter o objetivo de explicar detalhadamente o capítulo não discutiremos o tempo psíquico e todas as suas bifurcações ou os seus entrelaçamentos. Esta penetração mútua como diz Marly.

Assim os aspectos da reconstrução psicológica serão infelizmente poupados, mas de outra forma serve de estímulo para que o leitor desta resenha explore as várias possibilidades de estudo deste capítulo de Bulcão. Logo em seguida, Bulcão, problematiza o método de Bachelard, na medida em que, se por um lado ele, na *Intuição do Instante*, afirma constantemente o instante como realidade temporal. Já na *Dialética da Duração*, será considerado a noção de vibração como o estatuto primordial de energia da existência.

Ora, nesse sentido, Bulcão irá introduzir o ritmo como tempo vibrado, sendo este o instante, conforme Bachelard retorna ao músico Maurice Emmanuel em *Histoire de La langue musicale*, assim como Pius Servien em *Les rythmes comme introduction physique à l'esthétic* para mostrar a constituição dos ritmos, estes compostos de instantes e vibrados tanto na melodia como na poesia. Como mencionamos no início da resenha alguns termos usados por Marly serão colocados: substância musical essencial como oposta à duração bergsoniana, sendo, portanto, a cadência rítmica. Assim como a reciprocidade dos ritmos, a qual faz parte da metafísica temporal proposta por Bachelard, e se é recíproco é por este motivo que o caráter rítmico se restitui. Concebe-se aqui, segundo Marly, o ritmo como

forma no sentido de restituição. O que, aliás, possibilita uma dinâmica vital e psíquica, isto porque há uma fenomenologia da duração que sustenta *sistemas de instantes*.

Para provar isso, Bulcão irá retomar pormenorizadamente às teses da *Dialética da Duração* de Bachelard e a incorporação da ritmo-análise de Lúcio Pinheiro dos Santos, tendo como método o seguinte: 1. O equilíbrio ritmoanalítico da inteligência 2. A lei como tendência viva de uma evolução criadora 3. O método como disciplina orgânica do “crescimento” psicológico.

As implicações disto dar-se-ão no conhecimento matemático de invenção e aquisição do conhecimento, no qual aguardamos ansiosamente a explicação. Em contraposição ao tempo horizontal Marly cita o próprio Bachelard do seguinte modo: A Vida, nas suas conquistas é feita de ritmos, de tempos bem ordenados; ela é feita verticalmente de instantes superpostos, ricamente orquestrados.

## **Um materialismo fundante**

Nesse capítulo, Bulcão apresenta o materialismo em Gaston Bachelard, que acontece sob duas vias: o materialismo científico e o materialismo imaginal, sendo razão e imaginação resultados de um embate com a materialidade e a concretude do mundo.

Marly Bulcão faz uma apresentação didática e muito concisa sem perder a profundidade e a crítica que existe na obra de Gaston Bachelard. Para além da maestria, seu pensamento tem uma tonalidade materna, onde mãe, matéria e matriz são forças geradoras e nutrem todo um campo de saber.

Ela apresenta e discorre sobre duas facetas do materialismo, enfatiza o enfoque estético onde os elementos materiais- fogo, ar, água e terra, podem ser compreendidos como operadores de imagens. Os elementos seriam assim ‘temperamentos’ filosóficos tal qual estilos de consciência. Em Bachelard ela afirma que há um postulado da materialidade da imagem, onde matéria é um meio para a imaginação se realizar.

Bachelard, segundo Bulcão, restitui a autonomia do ato de imaginar e o valor de criatividade da imagem, optando por um enfoque estético da imaginação, onde uma poesia fortemente ativa acontece quando o poeta encontra sua matéria.

Ao apresentar e diferenciar o que Bachelard chamou de imaginação formal e a imaginação material, o aspecto material é imprescindível à verdadeira imaginação, pois confere a ela força e dinamismo que funcionam como aceleradores do psiquismo, fazendo emergir um fluxo de imagens novas. Essa imaginação material impõe-se através de sua função imaginante, e fundamental para que o homem apreenda a materialidade do mundo fazendo uso de todos os seus sentidos. Pois a matéria convida, ou melhor, convoca para um tempo de permanência em persistência e ritmo, mas também como embate.

A imaginação material que Bulcão percebe no Lautréamont está vivenciada no corpo a corpo contra o mundo, uma imaginação em qualidade dinâmica que alcança a beleza poética da imagem muscular através de uma luta contra a mediocridade da nossa vida psicológica, rompendo com as imagens reprodutoras, afim de conseguir encontrar dentro e fora de nós, uma renovação íntima.

Bulcão segue nos mostrando que Bachelard faz do ato de imaginar um grito de liberdade, quando saímos da contemplação para esse movimento ritmado encontramos uma frenética convulsão de ritmos imagéticos. O devaneio é um ato de liberdade, que efetua de forma sagaz a criação de uma surrealidade, revelando os mistérios que habitam a interioridade humana.

A imaginação material abre mais do que um novo campo ou território, diz sobre a função do irreal. A imaginação criadora é diferente da imaginação reprodutora, ela provoca e conduz a imagens subterrâneas, densas e profundamente íntimas, arquetipicamente humanas.

Nesse capítulo, em suma, Bulcão faz um sinuoso caminho, extremamente fiel ao serpentear diurno e noturno que Bachelard faz em sua obra. Marly Bulcão convida a um mergulho na imaginação autônoma e livre, instigando ao voo de imaginação cósmica e devaneios de aprofundamento na intimidade.

## **Fenomenologia e hermenêutica da imagem poética**

Na medida que adentramos na proposta do texto de autoria de Constança Marcondes Cesar, embora nos esclareça que seu objetivo não seja o de esgotar as possibilidades das obras tardias de Bachelard, a desenvoltura na exposição criteriosa e



respeitosa com o filósofo e com o leitor, instiga, não só a compreensão do mesmo, mas também, a posterior elevação de interesse diante das obras. Sem a pressa de quem já vivenciou compreensão do necessário exercício da imaginação, ela inicia com a apresentação do título a partir da compreensão etimológica. Segue a acolher a diversidade de leitores e, assim, zelosamente ressalta necessidades para uma melhor leitura, coloca noções da cotidianidade do filósofo: cronologia, contexto histórico, as muitas influências, atuação docente, noções colocadas a acrescentar e facilitar nossas construções de pensamentos diante de um filósofo acolhedor da vivência da fantasia criadora.

Constança Marcondes enfatiza pretensões de somente mostrar legitimidade de aproximação entre a vida e a obra de Bachelard que se constrói com as ressonâncias da intensidade dos diálogos com representantes da vanguarda da época. Quer fosse na perspectiva científica ou artística, mas com grande acolhida que desembocava em processo dialético para, assim, sem as amarras de preconceitos diante dos próprios pensamentos e dos pensamentos do outro, adentrava na apropriação e reformulação de termos da época, ousadamente ele recria sem ferir o advento de suas propostas originais. Pondo-se assim a colocar um belo laço entre a sua imensidão íntima com a imensidão cósmica, e a fita desse laço se constitui poeticamente na edificação grandiosa da obra.

Constança nos leva cordialmente a um passeio às obras tardias na perspectiva de compartilhar a percepção da fenomenologia e hermenêutica da imagem poética.

Com “A poética do espaço”, Constança ilumina o tema principal: o estudo das imagens do secreto. A nossa mais profunda intimidade possibilitadora do entranhar-se da nossa dimensão poética. Mostra-nos que ao esmiuçar a existência poética do ser, Bachelard utiliza o método “Topoanálise”, que se volta relevantemente aos lugares de nossa vida íntima, ao potente onirismo agregante da imaginação e da memória, a alma que se inquieta no encantamento da conexão com o mundo e nele ela contempla, deleita-se e, na cumplicidade do encontro ela fica à vontade, toma forma e habita.

Dá-se a inauguração da forma e, portanto, o encontro com a estética. Professora Constança continua a oportunizar a nossa compreensão diante de sua proposta. Bachelard puxa elemento que, de uma forma ou de outra, atrela-se a vivência de todos os seres: a casa. Desdobra elementos pertencentes a ela, dar-lhes um repensar, resignifica e simboliza representantes da profundidade do ser. Mostra-nos a riqueza de elementos

acolhidos pelo filósofo durante a forte caminhada para a consciência da necessidade de retornar a casa humana: mitos, lendas, a imaginação miniaturizante, a fantasia do espaço enorme e a imensidão íntima, a antropologia poética, o umbral da consciência, a imensidão íntima e a imensidão do mundo, o apelo da natureza e o devaneio com o infinito, o ser esférico... Elementos criteriosamente referenciados no texto de Constança, o qual somos acolhidos a compreensão e, por que não dizer, ao devaneio que compreende a legitimidade da síntese da fenomenologia e da hermenêutica da imagem poética. Mas a professora reconhece que é na Poética do devaneio que mais provoca impacto nos leitores.

No mesmo ritmo das iniciais intenções Constança permanece. Compartilha com o leitor a estrutura da obra, as diversas e ricas influências, a postura metódica do filósofo e, a esta última se questiona, adquire e compartilha resposta para o uso do método fenomenológico em Bachelard, o qual coloca em plena luz a tomada de consciência do sujeito maravilhado pelas imagens poética acrescidas pelo exame dos fenômenos psicológicos que a acompanham, reconhece a necessidade do interesse de Bachelard no método fenomenológico, pois ele vivencia um novo olhar diante das imagens amadas fixadas na memória de tal forma que se fundem e confundem durante reencontro nos devaneiros e, ao amplificar a consciência, mostra que a poesia transporta a palavra ao seu destino, abre-se um futuro para a linguagem: liberdade! comungamos da imaginação do poeta. Amplificação da consciência, a página em branco, a limitação do sonho, a autonomia do devaneio, o destino da imaginação que ao desembocar em suas belas consequências efetiva a nossa apropriação do nosso mundo, que nele nos inscrevemos, que nele ficamos em paz.

Na abertura dos capítulos encontramos o sonhador de palavras, a influência de Jung e Schelling para o repensar bachelardiano de anima e animus, a idealização do sonhador e do objeto, a atuação possibilitadora da criança na visão poética, elevação da valorização da imaginação, da solidão, o imemorável. A compreensão da tríade: imaginação, memória e poesia, relação com o sonho e a relação com o devaneio consciente, o exercício de contemplação do mundo pelo sonhador em parceria com o poeta, o mundo acolhedor, a transformação do sensível em universo de beleza. Com tudo isso, Constança evidencia objetivo de Bachelard: fazer a fenomenologia da imaginação

criadora. Constança dialoga com o leitor a possibilidade de anotações de Bachelard e estas serem fragmentos de possível obra inconclusa. Inclui considerações a produção avulsa de Bachelard, pois esta também acolhe a confirmação do dinamismo da fenomenologia e hermenêutica da imagem poética.

Constança permanece fiel ao seu exercício criterioso de sua amostragem que nos abre, em mesmo nível, as possibilidades de exploração e encantamento. Diante da reunião de produções póstumas, embora afirme não explorar na totalidade, mas sim, alguns de seus aspectos, ela disponibiliza organização e comentário para cada uma que ela apresenta com a vasta oportunidade de contemplação diante de diversos elementos bachelardianos: ensaios críticos sobre artes plásticas, literatura, estética da poesia do real, o espaço onírico, a solidão com diversos desdobramentos, a compreensão despreconceituosa da morte, o ânima, o tempo.

Sempre dentro de sua proposta, a autora passa para o último texto inacabado, que são fragmentos reunidos por Susane, a filha de Bachelard, a *Poética do fogo*, que nos apresenta a figura da Fênix como fio condutor a compreensão da abordagem ética, estética e epistemológica da vida criadora. Aspectos da hermenêutica bachelardiana são colocados por meio do mito da fênix: a transcendência do que se tem, tanto na ciência quanto na arte, característica da descoberta e da invenção seguidas de uma felicidade que desemboca no exercício da superação dos limites do que já havia sido construído. Podemos contemplar as faces da razão hermenêutica que caracteriza Bachelard: a razão discursiva e a razão poética. Constança considera que em todos os escritos de epistemologia e de estética tem-se a presença emblemática do mito que, no dinamismo que metamorfoseia e aflora novos dados, mas que não atropela o saber anteriormente considerado.

Nesse dinamismo tem-se a razão aberta possuidora da agilidade do salto de compreensão de busca que desemboca no não preconceito de conjugar razão científica e sonho que se expressam na liberdade da vida criadora com elementos da descoberta e da invenção. O ritmo dessa vida atrela-se ao cintilar das chamas, assim como as chamas das cinzas da fênix que deslumbra o mundo da imensidão íntima e o da imensidão cósmica, a realização dessa unidade simboliza a busca ética de todo agir. Professora Constança

segue criteriosa e sensivelmente atenta a atuação do mito na poética do fogo. E, embora diga não se aprofundar, mas nos possibilita elementos facilitadores de forma a acolher a diversidade de leitor e, nesse ritmo, oportuniza, inclusive, a compreensão de busca de Bachelard ao permear a atuação do fogo atrelada a figura da fênix: a metamorfose do ser da palavra que transcende o comum da cotidianidade. Ela compartilha a tarefa de Bachelard ao acolher a diversidade da linguagem dos poetas na tecitura advinda da livre imaginação de uma mente aberta que desemboca na edificação de uma linguagem das imagens com a poética do fogo, nas imagens do mito da Fênix, de Prometeu e de Empédocles. Assim chegamos as categorias essenciais da análise bachelardiana do mito da Fênix: verticalidade e metamorfose.

O Surracionalismo acolhedor do sujeito e a Surrealidade acolhedora do objeto desenvolvem, por meio do mito da Fênix, o advento de uma leitura da razão e da imaginação que se derrama tanto para a ciência como para a arte e se ergue na confirmação ética do exercício do existir humano, aconchegado no embalo da metáfora que nos toca profundamente a contemplação e ao encontro de Sí redimensionando a busca de um ser-mais.

Torna-se cabível a percepção que o trabalho desenvolvido diante da multiplicidade da imagem poética provoca um fraterno abraço a selar uma leveza de acolhida na compreensão e entrega a liberdade de contemplação do mundo e a vivência da grandiosidade da imagem poética. Tem-se, assim, a legitimidade da efetivação do título atrelado ao belo discorrer do texto que nos é ofertado por Constança Marcondes.

## **Dinamismo e metamorfose na poética da ambiguidade**

É pela imagem que se produz mudança - Marcelo de Carvalho inicia o capítulo tecendo fios entre a intuição do instante e a terra e os devaneio do repouso, ele fala de destruir a continuidade do tempo para contribuir o instante complexo. Isso significa amarrar poeticamente simultaneidades, mas o que isso tem a ver com a intimidade da matéria?

Enquanto o instante obriga o ser a valorizar e desvalorizar o método de contradições e ambiguidades, imaginar as qualidades de substâncias materiais opostas nos permite a convergência de tonalidades, o instante é tempo de ambivalências interiores, na horizontalidade é auto sincronicidade, na verticalidade é simultaneidade, e a alquimia se põe como uma busca da intimidade da substância nesse processo com a materialidade.

Existem imagens materiais que transmitem hostilidade entre substâncias, como o ferro corroído pela ferrugem, os pântanos e a concepção alquímica do pecado original, mostram ambivalências de uma ontologia da luta. Desse conflito há um imaginário obscuro, das trevas.

Uma filosofia binária como dialética de polaridades revela uma matéria sonhada tem qualidades que caracterizam o tecido do imaginário, este indeterminismo radical que faz o mestre das ambiguidades reivindicar o caráter criativo da mentalidade científica, integrando dinamismo e metamorfose.

A lógica da negação como núcleo metodológico da filosofia de Bachelard mostra que o frequente jogo de oposições que constitui o núcleo de força do dinamismo do pensamento bachelardiano. As antinomias das polaridades humanas para Bachelard se traduzem no dinamismo do psiquismo andrógino, no qual a revolução sugere uma desconstrução do gênero, da noção do sujeito e do objeto, do limite de nossas ilusões perdidas.

Sobre a objetividade, a omnicompreensão, Bachelard focaliza na objetivação, em que a formação da ideia é mais interessante do que o ideal de subjetividade. A primitividade andrógina é a alteridade do ser, o que acontece com o ser no percurso do imaginário, Carvalho cita essa questão proposta do Gagey. O ser é um ponto do imaginário, nisso, novidade, dinamismo e metamorfose mostram uma infinitude de possibilidades. A imagem do enxerto se põe assim como um conceito para compreensão da imaginação como o que nos faz perceber as transposições sem fim que pululam de imagens.

Novidade e dinamismo no levam a indução, a criação de uma aventura extraordinária, pensamento cinética de geometrias topográficas, o pensamento dinâmico cria saltos e rupturas, O sistema de imagens antagonistas é então uma possignificação como motor do dinamismo dialético. "assumir para si o valor do hermafroditismo da

alma, constitui-se em alternativa à dualidade, inconciliavelmente, maniqueísta que investe o destino da humanidade." (p. 296)

Dialética é então cooperação entre polos opostos e negação.

Interessante que o equacionamento do dinamismo psíquico como eixo do pensamento responde a crescente tecnologização da vida. Marcelo de Carvalho cite o pensador contemporâneo Yuval Harari, como a capacitação pedagógica da juventude como um treinamento do dinamismo psíquico da mente tal como Bachelard afirmava.

Assim, a dinâmica do bipolar e do binário nos leva a: dinâmica da incerteza - o método de um pensamento imprudente "Qual é esse estranho caminho dos filósofos, onde todo ponto é encruzilhada? O pensamento filosófico é contínua hesitação"

A imaginação humana, em sua turbulência e agressividade, define a imaginação literária como risco e imprudência, baseado nessa interpretação sobre a ancestralidade e primitividade do devaneio estético, a androginia da alma provoca uma mutação contínua da dimensão originária do ser.

É o que o Marcelo de Carvalho comentou como *Fais-toi centre*, faça-se centro, seja resistência no eixo polar da tensão criativa, na multipolaridade contraditória em constante reformulação. Bachelard vibra no eixo de polaridades andróginas, constituinte do indivíduo. Este núcleo fundante de oposições dualistas, provém do binômio junguiano de Anima e Animus, noções antitéticas complementares.

A polifilosofia abre o pensamento a significados múltiplos, o imaginário garante a produção mais livre de imagens e conceitos, e o espírito e coração complementam-se. Existe uma inteligência imaginativa, um *nous poetikos* que é noção de vida como estado de metamorfose permanente, ideia de dinamismo rítmico da poesia. Ao final, razão versus loucura, saúde versus doença, a androginia aborda a unidade do fato originário.

"Luz e treva, conceito e imagem, ciência e poesia." Bachelard não desenvolve a intuição deste procedimento dicotômico nos moldes de uma teoria completa – repetindo o mesmo impasse causado pela afirmação: “A ciência não tem a filosofia que merece”, pois, apesar de ter mostrado uma nova filosofia da ciência em, ao menos, três de seus livros, seu raciocínio “aberto”, parece intimidar o reconhecimento de seu legado, por parte do saber tradicional – mesmo assim, ele afirma, claramente, a dinâmica de oposições como princípio metodológico" Esse é então um capítulo central da obra.

### Um novo Espírito Pedagógico

Neste capítulo, a autora, Marly Bulcão, apresenta inicialmente críticas ao que Gaston Bachelard faz da concepção cartesiana do desenvolvimento do conhecimento. São as seguintes questões abordadas: crítica ao cogito cartesiano; obstáculos epistemológicos; Bachelard e Korzymsky, A educação não aristotélica; o Complexo de Prometeu e a pedagogia; a educação na conferência de Cracóvia; pedagogia e infância; educação, formação e reforma; e uma pedagogia do não.

Sobre a *crítica ao cogito cartesiano*, a autora pontua que Descartes funda sua concepção de conhecimento partindo da dúvida metódica para se chegar ao cogito, pois é ele que permite ao sujeito absorção do que se deve conhecer. O cogito é o porto seguro em meio da relação sujeito-objeto. Entretanto, para Bachelard, “nenhuma ideia parte de uma intuição imediata”, crítica direta ao Idealismo discursivo. Deste modo, não há sujeito nem objeto constituído como polos opostos na relação do conhecimento. Eles se constituem de forma oscilatória. Seguindo esta lógica, Bachelard propõe a superação do idealismo subjetivo, para a tradição do idealismo discursivo. Seguindo a lógica de que “A primeira e mais essencial função do sujeito é a de se enganar” (p. 384), uma ideia só é verdadeira quando resulta da negação de erro. Portanto: “Não há verdades primeiras, só há erros primeiros” (*op cit*). Desta forma, o cogito cartesiano é entendido como cogitans.

No que se refere aos *obstáculos epistemológicos*, é a noção de que o progresso do saber científico ocorre quando se supera obstáculos que se impõem no ato de investigar e conhecer – ou seja, é a partir deste princípio que nasce a formação do espírito científico. Para Bachelard os obstáculos a serem superados são compostos por etapas sucessivas no campo científico, a saber: 1) estágio pré-científico, compreendido da idade antiga clássica até a idade média e renascimento (séc. XVI /XVIII); 2) estágio ou período do Estado científico que vai da segunda metade do séc. XVIII até o início do séc. XX; 3) Estágio do Novo espírito científico, demarcado pelas revoluções ocorridas na ciência com as novas teorias contrárias aos conceitos primordiais das verdades absolutas.

Vale salientar que os *obstáculos epistemológicos* não são externos ao sujeito, ou seja, sua origem consiste na complexidade dos fenômenos ou falhas de sentidos, mas são

internos ao ato de conhecer que proporciona retardos ou inércia ao pensamento. *Os obstáculos epistemológicos* são: a) gerais – a experiência primeira e generalização prematura; e b) particulares – verbalismo, substancialismo, conhecimento unitário, animismo, mito da digestão, a libido e o conhecimento quantitativo.

O Racionalismo docente/discente é uma proposta de um novo racionalismo adequado ao novo espírito científico. O Racionalismo de Bachelard é aplicado porque consiste em noções teórico-experimentais. Deste modo, é necessariamente um racionalismo regional porque trabalha com regiões específicas, e é docente/discente por ser dinâmico, e propõe o diálogo semelhante entre mestre e discípulo como base para o progresso. Ele só se sustenta com a afeição de um sujeito ao outro porque ele é intersubjetivo.

“Ensinar é a melhor maneira de aprender” – essa citação de Bachelard é um epíteto que cabe ao *Racionalismo Aplicado* de Bachelard. Este é um princípio no qual jamais põe o discípulo na condição de escravo, pois o mestre não tem o intuito de dominar: “é no irracionismo em formação que podemos apreender que a dialética professor/aluno é filosofante mais rica de ensinamento do que o racionalismo em forma” (p. 400). Ademais, a *Dialética do Eu e do Tu* se inicia no interior de um sujeito que se desdobra em duas consciências que dialogam e se confrontam, expressando-se por meio de um racionalismo docente/discente com o propósito de se chegar a um consenso racional e a convergência de opiniões.

No que se refere a essa compreensão, o filósofo nos orienta que, sobre o *Complexo de Prometeu*, cabe ao professor incentivar o seu aluno a tentar ir além de si mesmo, conduzindo-o a se lançar nas regiões da imprudência, vivendo assim a aventura do novo através de caminhos da razão e da imaginação.

Sobre pedagogia e infância, o filósofo Bachelard aponta que “é preciso mostrar na experiência científica os traços da experiência infantil”, pois o desenvolvimento da ciência se deve ao seu caráter inventivo. Segundo Bachelard deve existir o equilíbrio entre a atividade racionalizante e a imaginação. Este equilíbrio deve ser retomado na vida adulta.

Neste âmbito, é resgatado o *poder da imaginação na infância*. A recomendação bachelardiana é de instrumentalizar temas sedutores à imaginação para tornar mais



didático o aprendizado de conteúdos difíceis. O ensinamento de Bachelard revela que é preciso haver no homem um equilíbrio entre o pensamento racional e a imaginação.

Por fim, a pedagogia Bachelardiana considera as vertentes da epistemologia e da poética marcados por uma Filosofia do não. Ela terá como base a negação e a reconstrução, fundamentando-se mais no fracasso do erro que é retificado do que na afirmação de certezas, o que faz dela uma pedagogia do não. O objetivo é ultrapassar os obstáculos e se voltar para a constituição de novos conceitos e para a fruição de imagens originárias. Não é, de forma alguma, uma pedagogia passiva que teria por base a repetição de conhecimentos adormecidos e de imagens esclerosadas.

“Na obra da ciência, pode-se amar o que se destrói, pode-se construir o passado, negando-o, pode-se venerar os mestres contradizendo-os” É o que nos disse Bachelard.

## Os devaneios do Fogo

Neste capítulo, Carvalho, apresenta uma retomada de Bachelard ao tema do fogo, tendo lançado *A Psicoanálise do Fogo* em 1938 e retornando através da obra *A Chama de uma Vela*, no início dos anos 60, esta que seria lançada um ano antes da morte do filósofo. Assim, o autor compreende esse reavivamento do tema por Bachelard como uma “poética da íntima renovação de si mesmo, delineada diante do próprio fim”.

Em suma, o que o filósofo nos traz, apresentará Carvalho, é o dinamismo e transformação inerentes ao fogo, e, em primazia a destes como expansão, superação da realidade. Como podemos exprimir através das palavras de Bachelard “as imagens do fogo é, para o homem que sonha, para o homem que pensa, uma escola de intensidade”.

Uma imagem ígnea que se apresenta a partir de uma poética agressiva e inflamada. O que Bachelard estabelece é uma estética da linguagem como doutrina de uma nova realidade. O discurso excessivo, inflamado, é a linguagem da própria arte, estabelece uma ligação direta entre almas, uma ligação que embeleza a linguagem, mas ao mesmo tempo cujas palavras queimam o ser, transmutando-o.

A imaginação poética é, portanto, entrega e, logo, intensidade, abrindo-se a partir daí a uma ideia de superação de si, de uma consciência que se expande à dimensão do universo. Dirá Bachelard: “O excesso das imagens desvenda a realidade psicológica que traremos à luz”.

Dessa forma, a intensidade do ser exposta pelo fogo é, na verdade, uma superação deste mesmo ser. Assim como a luz se impõe as trevas, dirá Carvalho, para alcançar o valor da iluminação, assim, imbuído de mesmo simbolismo, a consciência também se consome para acender as alturas.

No imaginário poético do fogo vemos, portanto, o tema da superação de si mesmo e da própria realidade, remetendo-nos também ao fato que o próprio autor se finda, sendo este o último ano de sua vida, de certa forma, podemos compreender, aponta Carvalho, uma dicotomia na imagética do fogo: ao mesmo que podemos compreender essa volição da consciência para a superação de si, já é evidenciada em Lautreamont, onde Bachelard afirma que o homem só atinge sua verdadeira humanidade enquanto descobre como tornar-se mais que humano. O progresso, ele nos dirá, é a própria natureza do homem, ele avança e, em suma, o que isso quer dizer é que ele o homem é aquilo que se supera.

Tal como o fogo, a condição do homem é metafísica e sempre mutante. Assim, o homem percebe-se não como a soma de um passado, mas como fruto de uma sucessiva e contínua série de descobertas.

Encaminhando-nos ao final de sua exposição sobre os devaneios do fogo e a imagética poética como superação e renovação do ser, Carvalho nos apresenta três figuras acerca da morte e renascimento através do fogo: a fênix, Prometeu e Empédocles. As três figuras assumirão em Bachelard – ou assumiriam, visto que este era um tema que o mesmo pretendia aprofundar-se em projetos posteriores que se findaram à sua morte — a metáfora do tema do fogo consumir-se para renascer transformado.

A Fenix, para Bachelard, suscita o desejo de arder, ou seja, de superar a si mesmo e de iluminar-se, também nos revela a consciência da morte. Nesse sentido, a Fenix representa a morte triunfante. A pira incandescente como uma metáfora da glória, da ascensão. Neste sentido, a imagética da fênix adquire o aspecto espiritual do ser humano como uma vontade de regeneração.

A segunda dessas figuras é Prometeu e aqui esta figura representa um signo de desobediência construtiva, o próprio ultrapassar dos limites e, portanto, o mito de prometeu mostra-se aqui como uma metáfora a própria aquisição da consciência humana.

A terceira e última figura nos mostra Empédocles que se lança ao monte Etna. Aqui podemos ver a anulação de si, o consagrar-se ao fogo. Aqui vemos novamente a ambiguidade da figura da chama que consome e destrói, aniquila, ao mesmo que se constitui como uma promessa de renascimento e purificação.

Bachelard dirá “na própria morte, nos tornamos o que somos. É preciso ser chama para jogar-se no Etna. Empédocles pertencia ao vulcão, antes de se precipitar nele.”. O ato de Empédocles é aqui entendido como um ato extremo movido pela paixão fatal, uma metáfora para o desejo e o impulso de intensidade que vive em cada um de nós.

Assim, compreenderá Bachelard que

O fogo sugere o desejo de mudar, de apressar o tempo, de conduzir toda vida a seu termine, a seu além. Então, o devaneio é realmente tocante e dramático, ele amplifica o destino humano, coliga o pequeno ao grande. [...] O ser fascinado ouve o apelo da fogueira. Para ele a destruição é mais que uma mudança, é uma renovação.

## **Bachelard e Desoille: Teoria da Imaginação e Terapia**

Escrito de maneira aprofundada e imersiva pelo pesquisador e doutor André Jorge Campello que vem desenvolvendo não só neste texto, mas também em outros trabalhos, o diálogo entre Robert Desoille (1890-1966) e Gaston Bachelard (1884-1962). Sobretudo, dentro do recorte do texto que será apresentado, podemos ressaltar que o ponto de encontro entre estes dois pensadores se dá no âmbito de estudos sobre o *imaginário*, onde apesar de partirem de pontos de interesses distintos, ainda conseguem manter uma concordância dentro de suas respectivas teorias: “A novidade está em aproveitar os movimentos do imaginário para uma terapia, e para a possibilidade de mudanças” (p. 485).

Desoille tendo seu interesse voltado para a prática clínica da terapia investiga o imaginário como uma camada psíquica que pode tornar-se fonte de transformação pessoal. Bachelard encontrando os resultados e tomando conhecimento da pesquisa de Desoille, passa a utilizá-la como embasamento teórico para a sua formulação filosófica de uma *autonomia do imaginário*, entrando em convergência com a premissa da psicoterapia de Desoille que apresenta o imaginário como um campo de possibilidade de

abertura e de ampliação para novas de existir e como meio propício para efetuar mudanças nos estados afetivos de cada um.

Pontuando os diferentes pontos de partida entre Desoille em sua psicanálise e em Bachelard sobre o estudo poético, o prof. André Campello segue uma apresentação detalhada sobre a biografia de Desoille e logo em seguida chega no método psicoterapêutico criado por ele, denominado de Revê Êveillé Dirigé (R.E.M) onde se concentram as principais diferenças para com a psicanálise tradicional (freudiana) na interpretação do sonhos e na identificação dos processos oníricos, mudando a própria concepção do sonhar, substituindo em seu método o sonho noturno pelo sonho acordado.

Por fim, dois pontos principais da teoria de Desoille são destacados, a *aquisição psicológica* como possibilidade de ampliação do ser e de transformação, sendo este um conceito reapropriado de Pierre Janet: Muitas vezes o paciente se dá conta de que acaba de adquirir um conhecimento novo, uma lucidez psicológica (cf. p. 187, que remete as *Acquisitions psychologiques*, de Pierre Janet encontrado em *O Ar e os Sonhos*).

O segundo ponto é reaproveitado da psicanálise freudiana, mas torna-se algo completamente diferente na psicanálise de Desoille, nela a sublimação aparece como a elevação pessoal e particular de determinada pessoa a partir da sua tomada de consciência através de seus sonhos acordados, diferentemente do que para Freud, que se pretendia sublimar aquilo que não teria sido alcançado, ou aquilo que não poderia se realizar de fato, transferindo a pulsão para um novo significante, num mero sistema de substituição.

Concluimos assim nossa resenha capítulo à capítulo com a ideia de que ela possa sintetizar e guiar demais leitores interessados em se aprofundar no livro *A poética de Gaston Bachelard – Um mergulho na imaginação*.